

Investigação de colocações provenientes das traduções para o inglês e italiano de *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector

Investigation of Collocations Coming from the Translations into English and Italian of A Hora da Estrela by Clarice Lispector

Emiliana Fernandes Bonalumi*
Universidade Federal de Rondonópolis - UFR

54

RESUMO: Clarice Lispector é conhecida por sua literatura feminina, sendo *A Hora da Estrela* publicada no ano de seu falecimento, 1977. Esta análise fundamenta-se nos estudos da tradução baseados em corpus de Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2000, 2004a, 2004b), nas investigações de Berber Sardinha a respeito da linguística de corpus (2000, 2004), na teoria do polissistema de Even-Zohar (1978), bem como nos estudos descritivos da tradução de Toury (1995). O intuito desta proposta é analisar as traduções das colocações provenientes do vocábulo “moça” para o inglês e italiano, a fim de identificar as semelhanças e diferenças encontradas em relação ao texto original. Com o propósito de obter as colocações selecionadas, utilizamos o programa computacional *WordSmith Tools*, de Scott (1999). Os resultados de nossa pesquisa nos indicaram como os tradutores Pontiero e Aletti utilizaram a estratégia de fluência para traduzir o texto de maneira a ser melhor compreendida na língua meta.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da tradução baseados em corpus. Vocábulo recorrente e preferencial. Literatura brasileira traduzida. Linguística de corpus. Clarice Lispector.

ABSTRACT: Clarice Lispector is known by her feminine literature, being *A Hora da Estrela* published in the year of her decease, 1977. This analysis is grounded on the corpus based

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

translation studies by Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2000, 2004a, 2004b), in the corpus linguistics investigations by Berber Sardinha (2000, 2004), in the polysystem theory by Even-Zohar (1978), and in the descriptive translation studies by Toury (1995). The purpose of this proposal is to analyse the translations of the collocations coming from the word “moça” into English and Italian, in order to identify the similarities and differences found among the translations and the source text. With the intention of obtaining the collocations selected for this analysis, we used the software *WordSmith Tools*, by Scott (1999). The results of our research indicated how the translators Pontiero and Aletti employed the fluency strategy in a manner to be better understood in the target language.

KEYWORDS: Corpus based translation studies. Recurrent and Preferential word. Translated Brazilian literature. Corpus linguistics. Clarice Lispector.

Introdução

Por meio da tradução tem-se contato com diversas obras literárias internacionais e a literatura brasileira pode ser acessível em diversas línguas ao redor do mundo, como é o caso dos livros de Clarice Lispector. Dada a relevância da autora na literatura brasileira e da qualidade do trabalho de seus tradutores, em particular, de Giovanni Pontiero e Adelina Aletti, selecionamos a obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector e suas traduções para a língua inglesa e italiana.

Com o propósito de analisar três colocações e um trecho provenientes do vocábulo “moça”, compilamos o seguinte corpus paralelo trilingue: *A Hora da Estrela*, romance, a tradução para o inglês *The Hour of the Star*, por Giovanni Pontiero e a tradução italiana *L’ora della Stella*, por Adelina Aletti.

A pesquisa apoia-se nos estudos da tradução baseados em corpus (BAKER, 1993, 1995, 1996, 1999, 2000, 2004a, 2004b), na linguística de corpus (BERBER SARDINHA, 2000, 2004), na teoria do polissistema (EVEN-ZOHAR, 1978) e nos estudos descritivos da tradução (TOURY, 1995).

O presente trabalho utiliza o software *WordSmith Tools*, criado por Michael Scott (1999), que ofereceu o auxílio necessário para a extração dos dados. Por

meio de um corpus eletrônico, é possível efetuar um estudo dentro de uma perspectiva descritivo-comparativa. Também, por meio dos estudos da tradução baseados em corpus, pode-se obter uma maior conscientização do papel desempenhado pelo tradutor e uma melhor forma de observação de suas escolhas e tendências.

O intuito desta proposta é analisar as traduções de três colocações e um excerto provenientes do vocábulo “moça” para o inglês e o italiano, a saber: *moça virgem*, *moça-donzela*, *moça-mulher*, e “*era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina*”, com o propósito de identificar as semelhanças e diferenças entre a obra original e as traduzidas para o inglês e o italiano, no tocante às colocações e o trecho oriundos do vocábulo anteriormente mencionado.

Acerca da escolha da obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, podemos comentar que foi considerada sua repercussão dentro e fora do país, em virtude de os temas por ela abordados serem atuais até os dias de hoje, como é o caso do vocábulo selecionado para análise “moça”, destacando a relevância da protagonista mulher. Para a subseção destinada ao vocábulo recorrente e preferencial “moça”, apresentaremos uma visão dos anseios e profundidades da personagem feminina por De Andrade (2017), da comparação entre Clarice e sua personagem feminina Macabéa (SOARES, 2002), bem como da importância da cultura nas colocações “moça-donzela” e “moça virgem” por De Medeiros (2017).

No que tange aos tradutores, verifica-se que Giovanni Pontiero¹ foi professor de literatura luso-brasileira na Universidade de Manchester, Reino Unido, de 1962 ao ano de seu falecimento, em 1996. Traduziu diversos autores brasileiros e portugueses, entre os quais, cinco obras de Clarice Lispector, uma de Lya Luft, uma de Néida Piñon e seis de José Saramago. Recebeu vários prêmios por

¹ Informações extraídas de Kinder (1997, p. 161-162).

suas traduções e, inclusive um livro foi compilado em sua homenagem, com críticas literárias, ensaios e artigos relativos às traduções por ele desenvolvidas. Adelina Aletti² ministrou palestras a respeito da tradução como profissão na Universidade de Pisa, Itália, tendo recebido críticas elogiosas concernentes ao seu trabalho como tradutora. Traduziu diversos autores brasileiros, entre os quais, cinco obras de Clarice Lispector, e uma, respectivamente, de Nélida Piñon, Rubem Fonseca e Lygia Fagundes Telles.

Clarice Lispector e a relevância do vocábulo “moça” na obra *A hora da estrela*

A autora Clarice Lispector apresenta muitas personagens femininas em suas obras e, nesta investigação, iremos abordar a personagem principal Macabéa, a “moça” nordestina que veio tentar a vida na cidade do Rio de Janeiro. Também, por meio de nossas pesquisas, podemos sugerir a comparação entre Clarice Lispector e a personagem Macabéa, ambas vindas do nordeste para a cidade do Rio de Janeiro, apesar de Clarice ter nascido na Ucrânia e ter se destinado à região nordeste ainda pequena.

57

De acordo com de Andrade,

ao se debruçar sobre o universo feminino de forma minuciosa e conscienciosa, Clarice criou personagens femininas complexas. Através de seu estilo de escrita pessoal, ela estabeleceu um padrão mais complexo para a criação de personagens femininas, que a partir de então, seriam mostradas com seus anseios e profundidades (DE ANDRADE, 2017, p. 1).

Com relação à obra *A hora da estrela* e a comparação entre escritora e a personagem Macabéa, Soares comenta que “Clarice assume-se como narrador masculino para obter o devido distanciamento, necessário para a exposição de si mesma” (SOARES, 2002, p. 77). Assim, podemos observar os anseios e

² Informações extraídas do website <http://www.bol.it/>, em 03/08/06.

profundidades de ambas, apesar de Clarice assumir-se como narrador masculino na obra.

No tocante à nossa pesquisa, verificamos por meio do programa computacional *WordSmith Tools*, em especial a ferramenta *WordList*, que o vocábulo *moça* é o segundo da lista no romance, sendo considerado um vocábulo recorrente e preferencial, reafirmando a escolha de investigá-lo.

Nos trechos abaixo, nota-se o destaque de duas colocações que serão analisadas neste estudo. A primeira, “moça-donzela”, segundo de Medeiros, é

uma expressão culturalmente utilizada para se referir às mulheres virgens, vai aparecer reiterada [pelo personagem Olímpico], o único pretendente, que na verdade, nem chega a sê-lo, pois o rapaz não passa de uma “primeira espécie de namorado” (LISPECTOR, 1977, p. 43), uma aventura amorosa improvável, sendo na condição de virgem que Macabéa morre em *A hora da estrela* (DE MEDEIROS, 2017, p. 158).

Por seu turno, a segunda, “moça virgem”, de acordo com de Medeiros, surge

noutra conversa entre [Olímpico e Macabéa], a jovem, querendo saber o significado de uma palavra que ouvira no rádio, recebe dele, sob a ocultação de brios feridos, por não conhecer a real resposta, a sanção de uma fala imposta também pela cultura, como demonstra o seguinte [trecho]: - Isso é lá coisa para **moça virgem** falar? (DE MEDEIROS, 2017, p. 158)

Percebe-se a importância da cultura nestas colocações. Temos o intuito de verificar na análise dos resultados como se deu a tradução dessas colocações nas línguas inglesa e italiana e se a cultura foi levada em consideração.

A teoria do polissistema, os estudos descritivos da tradução e os estudos da tradução baseados em corpus

A teoria do polissistema de Even-Zohar (1978) foi considerada uma inovação na área dos Estudos da Tradução e tem sido discutida até os dias de hoje. Textos traduzidos começaram a ser enxergados como gênero, como parte de um

sistema. O polissistema, de acordo com Even-Zohar (1978), foi dividido em duas categorias: primária e secundária. Para fazer parte da primeira categoria, a tradução deveria ser considerada inovadora e não seguir os padrões de conservadorismo do texto original. Como qualquer teoria, nenhum texto traduzido poderia ser observado como primário para sempre; surgindo um novo texto traduzido, mudava-se a posição no polissistema. Segundo Even-Zohar (1978), as traduções moviam-se no polissistema de acordo com a época, inovação e conservadorismo.

Baker (1993) fundamenta-se em duas principais correntes de pensamento nas áreas de investigação da tradução, uma com base nos estudos descritivos da tradução (TOURY, [1978], 2000; 1995), e a outra com fundamentação na linguística de corpus (SINCLAIR, 1991).

Quanto aos estudos descritivos de tradução iniciados por Even-Zohar ([1978], 2000), com a teoria dos polissistemas, e Toury (1978), com o conceito de normas, a tradução passa a ser vista como um sistema que faz parte de um todo. Para terem valor, não se observavam mais as traduções como dependentes dos respectivos originais, mas tinham importância por si só. Também as traduções não eram mais somente analisadas para verificar erros em relação ao original.

Além dos estudos descritivos da tradução, Baker (1993) toma por base a linguística de corpus, em especial, a proposta de Sinclair (1991). De acordo com Berber Sardinha, desenvolveu Sinclair (1966) “o primeiro trabalho pioneiro na área de léxico que traçou os caminhos da maioria da pesquisa em linguística de corpus feita até hoje” (BERBER SARDINHA, 2000, p. 332)

Magalhães esclarece que Baker (1993) parte das investigações de Toury (1978, 1995) e de Sinclair (1991) para “consolidar a sua proposta de estabelecimento da tradução como objeto de pesquisa da disciplina estudos da tradução, cujo

objetivo principal passa a ser a identificação de traços do texto traduzido que levarão ao entendimento do que é e de como funciona a tradução” (MAGALHÃES, 2001, p. 98). Este é o nosso intuito, verificar os traços dos textos traduzidos em relação ao texto original.

A respeito da autora Clarice Lispector, Barbosa comenta que:

Para a comunidade interpretativa brasileira, acadêmica ou não, não há dúvida de que Clarice Lispector é um dos mais canonizados autores brasileiros. Ocupa, portanto, posição central naquilo que Even-Zohar (1979) denominou polissistema literário. No entanto, ao penetrar noutro polissistema através da tradução, ocorre com Lispector o fenômeno de deslocamento descrito por Toury (1980, 1984) e Even-Zohar (1978): ao passar de um sistema para outro, um autor e sua obra podem passar do centro para a periferia (e viceversa). Um deslocamento do centro para a periferia é o que normalmente sofrem as obras literárias estrangeiras que entram nos sistemas hegemônicos através da tradução (BARBOSA, 2000, p. 1).

Como pudemos notar por meio dos estudos de Cixous (1979), Ammirati (2008) e Moser (2013), Clarice Lispector ficou conhecida no meio acadêmico e de leitores em geral na França, Itália, Estados Unidos e Inglaterra, dentre outros. Observa-se por meio destas investigações que a obra traduzida de Clarice continua no centro e não se desloca para a periferia como normalmente ocorre com os textos traduzidos, uma vez que suas obras são consideradas atuais até os dias de hoje, além de sua escrita ser uma marca registrada, intrigando seus tradutores ainda hoje.

No tocante a uma definição para corpus, apresentamos abaixo a de Sanchez, que consiste em:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHEZ, 1996, p. 8-9).

Com o desenvolvimento da informática, Baker propõe que “corpus, agora, significa primeiramente uma coleção de textos digitalizados e capazes de serem analisados, automática ou semiautomaticamente, em uma variedade de maneiras (BAKER, 1995, p. 225).

Acerca dos estudos da tradução baseados em corpus e a cultura, Hu comenta que

os estudos da tradução baseados em corpus encontram-se primeiramente preocupados em descrever as características da tradução e as normas da tradução em uma tentativa de *descobrir a natureza da tradução e a inter-relação entre tradução e cultura social, baseados em análises estatísticas e na riqueza dos dados de um corpus [...]* Em linha com a teoria dos estudos descritivos da tradução, *a língua traduzida é o produto de eventos comunicativos que servem para construir a identidade cultural*. A tradução não é simplesmente uma transferência linguística conduzida no vácuo. Trata-se de atos sociais e eventos culturais governados por vários contrastes linguísticos e culturais. É um tipo de fato cultural da língua meta com suas próprias características distintas. Assim, *a tradução* ou o texto traduzido *deve ser abordado levando em consideração a contextualização*, isto é, *colocando a tradução em certos contextos socioculturais e históricos na qual ela está inserida* (HU, 2016, p. 1; 4-5, grifo nosso).

Baseando-se nas citações de Sanchez (1996), Baker (1995) e Hu (2016), podemos verificar que nossa pesquisa se insere nos estudos da tradução baseados em corpus, uma vez que utilizamos textos digitalizados originais em língua portuguesa, bem como seus respectivos textos digitalizados traduzidos em língua inglesa e italiana. Também levaremos em conta em nossa análise a cultura do texto de partida e dos textos de chegada.

No Brasil, há diversas pesquisas aplicadas aos estudos da tradução baseados em corpora, como as realizadas por Fernandes (2006), Camargo (2013), Bonalumi (2014), Pinto & Lima (2018), Souza Lima (2018), Serpa & Rocha (2019), entre outros, visando à análise do produto da tradução.

A respeito do produto da tradução, constata-se que há leitores que preferem os textos originais, pois acreditam que um texto traduzido perde a essência, e

que o tradutor não consegue expressar o sentido do texto original. Neste aspecto, Mona Baker comenta que

a tradução tem sido tradicionalmente vista como uma atividade de baixo status [...] e os textos traduzidos têm sido considerados nada mais que versões de segunda linha, distorcidas dos textos ‘reais’. Na opinião da pesquisadora, os textos traduzidos não são superiores nem inferiores aos textos originais. Entretanto, são diferentes e é a natureza dessa diferença que deve ser registrada e explorada (BAKER, 1993, p. 233).

Este é nosso propósito neste trabalho, registrar as diferenças e similaridades encontradas entre obra original e seus textos traduzidos para a língua inglesa e italiana.

Metodologia

Para esta investigação, foi compilado o seguinte corpus constituído pela obra: *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, publicada originalmente em português no ano de 1977; e pelas traduções para o inglês, realizada por Giovanni Pontiero sob o título *The Hour of the Star*, publicada em 1992, bem como para o italiano elaborada por Adelina Aletti intitulada *L'ora della Stella*, lançada em 1989.

A presente pesquisa foi realizada em três etapas. A primeira etapa compreendeu a identificação dos vocábulos recorrentes e preferenciais. A segunda etapa foi a de comparação dos vocábulos encontrados com suas traduções para o inglês e italiano. A terceira etapa, por sua vez, consistiu na análise dos vocábulos encontrados. Para identificar os vocábulos recorrentes e preferenciais, foi utilizada a ferramenta *WordList* do programa computacional *WordSmith Tools*, a fim de gerar a lista de frequência de palavras inicial.

Após, geramos as concordâncias tomando por núdulos os vocábulos recorrentes e preferenciais encontrados no corpus de texto originalmente escrito em língua portuguesa. Utilizamos a ferramenta *Concord* para gerar um conjunto de linhas

de concordância. Após a identificação dos vocábulos recorrentes e preferenciais, partimos para a comparação dos vocábulos no corpus de texto originalmente escrito em língua portuguesa em relação aos corpora de textos traduzidos para a língua inglesa e italiana. Na comparação, buscamos identificar as semelhanças e diferenças entre a obra original e as traduzidas para o inglês e o italiano, no tocante às três colocações e um trecho selecionados para o estudo, oriundas do vocábulo “moça”: (1) *moça virgem*, (2) *moça-donzela*, (3) *moça-mulher*, e (4) “*era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina*”.

Análise de Resultados

Esta pesquisa teve por objetivo analisar a tradução para o inglês e italiano de três colocações e um excerto provenientes do vocábulo recorrente e preferencial “moça” na obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Apresentamos a seguir as três colocações e o trecho encontrados no texto original, bem como as traduções para o inglês e o italiano.

A colocação “moça virgem”

Abaixo, exporemos os dois resultados encontrados no texto original, bem como suas traduções para o inglês e o italiano.

A colocação “moça virgem” e suas respectivas traduções para o inglês e o italiano “*virgin*” e “*vergine*”

- [...] Isso é lá coisa para **moça virgem** falar?
- *That's not a nice word for a **virgin** to be using.*
- - *Ma ti pare che sia un modo di parlare da **vergine**?*

A colocação “moça virgem” e suas respectivas traduções para o inglês e o italiano “*virgin*” e “*ragazza vergine*”

- - Sou **moça virgem**! Não sou mulher de soldado e marinheiro.

- - *I'm a **virgin**! You won't find me going out with soldiers or sailors.*
- - *Sono una **ragazza vergine**! Non sono una donna né da soldati né da marinai.*

Em relação aos dois exemplos apresentados acima, podemos notar que a tradutora para o italiano Adelina Aletti não utilizou a mesma tradução, variando-a nas duas ocorrências exibidas (*vergine* e *ragazza vergine*). Já o profissional para o inglês Giovanni Pontiero optou por usar por duas vezes a mesma tradução “*virgin*”, não fazendo uso da variação em seu texto traduzido.

É possível também comentar a respeito da cultura na tradução dos trechos acima. Como pudemos observar, a colocação “moça virgem” é culturalmente marcada na língua portuguesa e refere-se a uma jovem virgem. Na língua inglesa e na língua italiana, não há apenas um correspondente cultural. Efetuamos uma pesquisa e encontramos no *website Reverso Context* as seguintes opções para a língua inglesa: “*virgin girl*”, “*virgin maid*”, bem como “*young virgin*”. Por seu turno, para a língua italiana, localizamos essas alternativas: “*ragazza vergine*” utilizada uma vez por Aletti e “*fanciulla vergine*”. Também pesquisamos no *website Linguee* e encontramos o correspondente “*virgin*” para a língua inglesa. No tocante à língua italiana, não apareceu nenhum resultado. Como nota-se no *website Linguee*, apesar do vocábulo “*virgin*” não ser considerado uma colocação, foi da mesma maneira a opção utilizada por Pontiero nas traduções da colocação acima apresentada.

A colocação “moça-mulher”

A seguir, exibiremos o resultado encontrado no texto original, bem como nas traduções para o inglês e o italiano.

A colocação “moça-mulher” e suas respectivas traduções para o inglês e italiano “*sexually experienced*” e “*una giovane, non più vergine*”

- Escuridão? lembro-me de uma namorada: era **moça-mulher** e que escuridão dentro de seu corpo.
- *Darkness? It reminds me of a former girl friend. She was **sexually***

- *experienced and there was such darkness inside her body.*
• *Buio? mi torna in mente una mia fidanzata: una giovane, non più vergine, e quanto buio nel suo corpo!*

No tocante ao excerto apresentado acima, podemos notar que tanto o tradutor para o inglês Giovanni Pontiero quanto a tradutora para o italiano Adelina Aletti optaram por usar a variação em seus textos traduzidos, isto é, tentaram explicar a colocação ao invés de traduzi-la literalmente. Fizemos uma pesquisa nos *websites Reverso Context* e *Linguee*, porém, não obtivemos nenhum resultado para a tradução desta colocação.

A colocação “moça-donzela”

Abaixo, apresentaremos o resultado encontrado no texto original, bem como nas traduções para o inglês e italiano.

A colocação “moça-donzela” e suas respectivas traduções para o inglês e o italiano “*virgin*” e “*signorina*”

- *Vá para o inferno, você só sabe desconfiar. Eu só não digo palavras grossas porque você é moça-donzela.*
- *Go to blazes! You don't trust anybody. Only the fact that you're a virgin stops me from cursing you.*
- *- Va' all'inferno! Sei solo capace di diffidare. Se non dico una parolaccia è perché sei una signorina.*

No que tange ao exemplo apresentado acima, podemos notar que tanto o tradutor para o inglês Giovanni Pontiero quanto a tradutora para o italiano Adelina Aletti não utilizaram a mesma colocação em suas respectivas traduções, fazendo uso da variação, explicando-a em seus textos traduzidos.

Também, como notamos anteriormente, a colocação “moça-donzela” é culturalmente marcada na língua portuguesa, não havendo apenas uma tradução aceitável nas línguas inglesa e italiana. A respeito da língua inglesa,

efetuamos uma busca no *website Reverso Context*³ e encontramos a seguinte tradução: “*single girls*”. No caso do exemplo obtido no *website*, podemos inferir que se tratava de uma “moça-donzela” prestes a casar, sendo possível a tradução encontrada. Por seu turno, no tocante à tradução para a língua italiana, não obtivemos nenhum resultado. Também procuramos no *website Linguee* as traduções para a língua inglesa e italiana da colocação acima mencionada, porém não encontramos nenhuma alternativa.

O trecho “era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina”

A seguir, exibiremos o resultado encontrado no texto original, bem como em suas traduções para o inglês e italiano.

O trecho “era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina” e suas respectivas traduções para o inglês e italiano “*badly for her own good*” e “*educata unicamente per far di lei una ragazza più raffinata*”

- [...] Até agora sempre julgara que o que a tia lhe fizera **era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina**.
- *She had always believed that her aunt had treated her **badly for her own good**.*
- [...] *Fino a quel momento era convinta che sua zia l'avesse **educata unicamente per far di lei una ragazza più raffinata**.*

Acerca das ilustrações apresentadas acima, podemos notar que o tradutor para o inglês Giovanni Pontiero fez uso da variação em seu texto traduzido. Já a profissional Adelina Aletti decidiu por utilizar um trecho que se assemelha ao excerto do texto original. Pesquisamos nos *websites Reverso Context* e *Linguee*, porém não encontramos nenhum equivalente para as línguas inglesa e italiana da colocação “moça mais fina”.

Considerações finais

³Informações extraídas do *website* <https://context.reverso.net/traducao/portugues-ingles/moça+donzela>, em 28/12/20.

No tocante às semelhanças e diferenças entre a obra original e as traduzidas para o inglês e o italiano, percebe-se que há mais aproximações entre a obra original e a traduzida para o italiano, no que diz respeito à segunda tradução da colocação “moça virgem” (*ragazza vergine*) e à tradução do trecho “era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina” (*educata unicamente per far di lei una ragazza più raffinata*) selecionadas para análise.

Por sua vez, em relação à obra original e a traduzida para o inglês, verificamos mais distanciamentos acerca da tradução das colocações escolhidas para este estudo, isto é, não há um correspondente em língua inglesa para essas colocações por tratarem-se de colocações culturais. Notamos que Pontiero utiliza a mesma tradução “*virgin*” para as colocações “moça virgem” e “moça-donzela”, variando apenas na tradução da colocação “moça-mulher” (*sexually experienced*) e do excerto “era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina” (*badly for her own good*).

Acerca das traduções para a língua italiana da primeira tradução da colocação “moça virgem” (*vergine*) e das colocações “moça-donzela” (*signorina*) e “moça-mulher” (*una giovane, non più vergine*), verificamos mais distanciamentos acerca da tradução das colocações, isto é, também foi possível constatar que não há um correspondente em língua italiana para essas colocações por tratarem-se de colocações culturais. Observa-se que Aletti utilizou a variação na primeira tradução da colocação “moça virgem”, bem como nas traduções para as colocações “moça-donzela” e “moça-mulher”, como notamos neste parágrafo.

É possível perceber que Pontiero decidiu simplificar as traduções das colocações “moça virgem” e “moça-donzela”, utilizando apenas um termo (*virgin*) e não uma colocação como no original. Por seu turno, a tradutora Aletti, como vimos anteriormente nas traduções da colocação “moça virgem”, optou por simplificá-la em uma das ocorrências (*vergine*) e, na outra, empregou uma

colocação (*ragazza vergine*) que se assemelha à colocação em língua portuguesa. Já na tradução de “moça-donzela”, também decidiu simplificá-la (*signorina*) como optou Pontiero (*virgin*). No tocante à tradução da colocação “moça-mulher”, verifica-se que ambos os tradutores optam por explicá-la (*sexually experienced e una giovane, non più vergine*), uma vez que não há um correspondente cultural nas línguas inglesa e italiana. E, no que tange ao trecho “era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina”, observa-se que Pontiero decidiu explicá-lo (*badly for her own good*) e Aletti, por sua vez, optou por deixá-lo mais próximo ao excerto do texto original (*educata unicamente per far di lei una ragazza più raffinata*).

Podemos notar, por meio dos exemplos apresentados, que os tradutores, na tradução literária, são muito mais livres para traduzir seu texto, passando para a língua-alvo da forma que acreditam que será mais compreensível para seu leitor, utilizando a estratégia de fluência, bem como possuindo a liberdade de variar ou não as colocações e o trecho. Almejamos desta forma que esta investigação tenha despertado o interesse de pesquisadores para os estudos da tradução baseados em corpus, em especial, para a tradução literária de Clarice Lispector e que possa contribuir com análises futuras dentro desta área ou da literatura brasileira traduzida.

Referências

Compilação do corpus

LISPECTOR, C. *The Hour of the Star*. Tradução de Giovanni Pontiero, New York: New Directions, 1992.

LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1977], 1993.

LISPECTOR, C. *L'ora dela Stella*. Tradução de Adelina Aletti, Milão: Feltrinelli, 1989.

Referências bibliográficas

AMMIRATI, A. La vita che non si ferma di Clarice Lispector. *Delt@*, v. 249, 15 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.deltanews.it/editoria/narrativa/051108>> Acesso em: 13 maio 2010.

BAKER, M. “Corpus linguistics and translation studies: implications and applications”. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, p. 233-250.

BAKER, M. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, v. 7.2, p. 223-243, 1995.

BAKER, M. “Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead”. In: SOMERS, H. (ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering, in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996, p. 175-186.

BAKER, M. A corpus-based view of similarity and difference in translation. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 9.2, p. 167-193, 2004.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

BONALUMI, E.F. Análise dos vocábulos recorrentes e preferenciais “gente” e “terra” na obra *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado e na respectiva tradução para a língua inglesa. *In-Traduções*, Florianópolis, v. 6, n. 10, p. 63-80, jan. / jun. 2014.

CAMARGO, D. C. de. O estilo de João Ubaldo Ribeiro em *Viva o Povo Brasileiro* e *An Invincible Memory*. *Revista de Literatura, História e Memória* (Impresso), v. 9, p. 55-69, 2013.

CIXOUS, H. *Vivre l’orange / To live the orange*. Paris: Des Femmes, 1979.

DE ANDRADE, I. O universo feminino de Clarice Lispector. *Correio Braziliense*, 01 mar. 2017. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/03/01/interna_diversao_arte,577210/espetaculo-de-danca-se-inspira-em-clarice-lispector.shtml>. Acesso em: 20 julho 2020.

DE MEDEIROS, L.R.C. Macabéa: a fabulação como direito ao grito. *Antares*. v. 9, n. 18, p. 149-171, 2017.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. In: VENUTI, L. (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London e New York: Routledge, [2000], 1978, p. 192-197.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Theory. *Poetics Today*, v. 1, p. 287-309, 1979.

FERNANDES, L. P. Translation of Names in Children's Fantasy Literature: Bringing the Young Reader into Play. *New Voices in Translation Studies*, Dublin, v. 2, p. 44-57, 2006.

HU, K. *Introducing Corpus-based Translation Studies*. London: Springer, 2016.

MAGALHÃES, C. M. "Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de corpora". In: PAGANO, A. (ed.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALEUFMG. Cap. 4, 2001, p. 93-116.

MOSER, B. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PINTO, P. T.; LIMA, M. F. A tradução na área de química orgânica: da adaptação à tradução literal. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 47, p. 573-585, 2018.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*. Version 3. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SINCLAIR, J. Beginning the study of lexis. In: BAZELL, C. E. (Ed.). *In Memory of J R Firth*. London: Longman, 1966.

SINCLAIR, J. *Corpus, Concordance and Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SERPA, T.; ROCHA, C. F. Olhares de estranhamento de Clarice Lispector em língua inglesa: análise da obra *A Legião Estrangeira* com base em um corpus focado no conto "Os desastres de Sofia". *Revista do GEL*. São José do Rio Preto, v. 16, n. 2, p. 57-79, 2019.

SOARES, M. E. O discurso feminino de Clarice Lispector em *A hora da estrela*. *Revista de Letras*. v. 24, n. 1/2, p. 75-79, 2002.

SOUZA LIMA, T.C. de. Vocábulo fundantes de Clarice Lispector extraídos de duas obras da autora e características de normalização em suas respectivas traduções. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 47, p. 615-626, 2018.

TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: VENUTI, L. (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London e New York: Routledge, [1978], 2000, p. 198-213.

TOURY, G. *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

TOURY, G. Translation, Literary Translation and Pseudotranslation. *Comparative Criticism*, v. 6, p. 73-85, 1984.

TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995.